

# criação e crítica

40

## CHATGPT, LITERATURA COMPARADA E TEORIA LITERÁRIA<sup>1</sup>

Fernando Baião Viotti<sup>2</sup>

**Resumo:** A disseminação de LLM's como o ChatGPT impõe problemas e dúvidas de primeira ordem para professores e pesquisadores, sobretudo os da área de humanidades. Da experiência em sala de aula, ensinando literatura e teoria literária, surgem visadas críticas possíveis para refletir sobre esses problemas e algumas das implicações éticas, cognitivas e filosóficas derivadas do uso de tais ferramentas. Este artigo busca elencar algumas dessas possibilidades, com atenção aos alcances e limites da tecnologia, cujo advento, segundo Neil Postman, sempre nos dá, e também nos tira, algo.

**Palavras-chave:** LLM's, ChatGPT, literatura comparada, tecnologia, inteligência artificial, aprendizado de máquina, linguagem.

## CHATGPT, COMPARATIVE LITERATURE AND LITERARY THEORY

**Abstract:** The dissemination of LLM's as ChatGPT generates doubts and issues of first scale for researchers and professors, especially those of the humanities. Following the experience of giving literature and literary theory lessons, multiple critical views and calls for thinking new technologies arise, along with its problems, and some ethical, cognitive and philosophical implications of its use. This article aims to discuss some of these possibilities, with special attention to the potential power and the implicit limits of technology, which, as Neil Postman put, always giveth and always taketh away.

---

<sup>1</sup> Este artigo é a versão desenvolvida de um texto intitulado "Formas literárias, formas de ensinar", escrito para uma apresentação no Colóquio "A sala de aula como laboratório", que aconteceu na FFLCH-USP nos dias 29 e 30 de agosto de 2024.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG (2018) como bolsista da CAPES com a tese "Um mundo feito de ferro: a lírica de Drummond e Bob Dylan", premiada como a melhor tese do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da FALE-UFMG no ano de 2018. Possui mestrado em Estudos Literários, área de concentração Literatura Brasileira também pela UFMG (2007), onde foi bolsista do CNPq, com a dissertação "Encenação do sujeito e indeterminação do mundo: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores". Possui graduação em Letras pela mesma universidade (2004) e tem publicações sobre Bob Dylan, Guimarães Rosa, a ficção de Godofredo Rangel, epistolografia e ficção brasileira e portuguesa do século XX, além de ensaios sobre literatura e experiência. Contato: fernandoviotti@usp.br

# criação e crítica

40

**Keywords:** LLM's, ChatGPT, comparative literature, technology, artificial intelligence, machine learning, language.

## I

Nos primeiros meses de 2023, uma novidade massivamente noticiada em todas as mídias causou em muitos de nós, professores e pesquisadores, sobretudo das áreas de humanidades, dúvidas e inquietações ainda duradouras. Se nos últimos anos já nos deparávamos com grandes dificuldades para conter em tantos dos nossos alunos a tendência ao que se pode chamar de “apropriações indébitas”, tão facilitadas pela oferta infinita de textos sobre todo e qualquer assunto que o advento do suporte digital viabiliza, passamos a nos perguntar o que aconteceria se, ou quando, o “Large Language Model” (LLM) e o aprendizado de máquina, de fato, vierem a alcançar a capacidade já então propagada de produzir textos elaborados, coesos e suficientemente complexos, capazes assim de suprir, no lugar do aluno, a exigência que atualmente temos como único meio de aferir o seu aprendizado. Temos, o que é ainda mais importante, a capacidade de exercer, no lugar desses mesmos alunos, aquela habilidade que é, afinal de contas, a atividade-fim fundamental que devemos, mais do que lhes ensinar, ajudá-los a aperfeiçoar: o produto concreto do ensino e aprendizado num curso de letras. Tal produto, se por um lado é uma matéria compósita, envolvendo o aprender a ensinar e o aprender a pensar, ganha forma concreta imediata justamente na escrita, capaz de formalizar tal pensamento.

Robert Pogue Harrison, da Universidade de Stanford, seria um dos intelectuais que se dedicaria ao tema em dois episódios do seu longo programa de rádio, *Entitled Opinions*<sup>3</sup>. Em “The Wilds of artificial intelligence”, com Bryan Cheong e “Humanities in the age of Artificial intelligence”, com Ana Ilievska<sup>4</sup>, Harrison manifestaria muitas das inquietudes comuns a tantos de nós, não apenas no tocante ao ensino e à pesquisa, mas também quanto ao impacto dos LLM's para a vida pessoal de cada um. Quais as consequências emocionais derivadas de uma longa convivência com um interlocutor artificial? Seremos capazes de discernir o verdadeiro do verossímil diante das formulações cada vez mais consistentes e coesas dos LLM's? Será possível

---

<sup>3</sup> Acesso em: <https://entitled-opinions.com>.

<sup>4</sup>As transcrições e traduções dos episódios de *Entitled Opinions* são de minha autoria.

# criação e crítica

40

manter a prioridade para as relações interpessoais num mundo em que as relações homem-máquina parecem suprir todas as nossas necessidades, inclusive afetivas? Numa chave mais específica e diretamente ligada ao tema, Harrison relata a Ana Ilievska a sua surpresa, grata surpresa, diante de textos produzidos pelo ChatGPT, segundo ele muito mais claros, interessantes, sobretudo agradáveis de ler, do que a imensa maioria dos textos produzidos pelos seus alunos de graduação e pós-graduação nos últimos anos, qualificados por Harrison como “terríveis”.

Ilievska de sua parte revela que, ao contrário de seus pares, passara a aceitar, ou mesmo incentivar trabalhos escritos com a ajuda do ChatGPT, concluindo com uma pergunta que é também a nossa: Se não teremos mais que ensinar e praticar o escrever, que função nos restaria enquanto professores das áreas de humanidades? “Ler, ler, ler, ler, como diria Werner Herzog”, é a resposta de Harrison. A evocação da fala do cineasta alemão permite um importante parêntese, já que Herzog é um detrator cético, quase cínico, das promessas mirabolantes da tecnologia, a exemplo do próprio Harrison. De modo que, a decisão de confiar no professor de Stanford para entrar num assunto sobre o qual eu mesmo possuo um conhecimento ainda bastante precário, não é fortuita. Tanto em livros seus como *Gardens* e *The dominion of the dead*, quanto em diversos episódios do *Entitled opinions*, Harrison adota uma perspectiva crítica sobre as promessas da tecnologia. Não por acaso, Martin Heidegger é um de seus filósofos prediletos, tanto que, em 2013, ele gravaria com um convidado assíduo um programa intitulado “Thomas Sheehan on Heidegger & Technology”, cuja abertura não poderia ser outra que não o trecho da famosa entrevista do filósofo alemão à revista *Der Spiegel*, concedida em 1966 e publicada após sua morte:

Der Spiegel: Pode-se objetar ingenuamente: o que há que dominar? Tudo funciona. Constroem-se mais e mais obras elétricas. Produzir-se-á cada vez mais inteligentemente. Os homens estão bem abastecidos, na parte altamente tecnificada da Terra. Vivemos um bem-estar geral. O que falta aqui?

Heidegger - Tudo funciona, isto é o inquietante, que funcione e que o funcionamento nos impele sempre a um maior funcionamento e que a técnica dos homens separa-os da terra e os desarraiga sempre mais. Não sei se os senhores estão assustados, em todo caso eu me assusto ao ver as fotos da

# criação e crítica

40

Terra vista da lua. Não precisamos de bombas atômicas, o desenraizamento dos homens é um fato. Temos apenas puras relações técnicas. Não há um só canto da Terra em que o homem, hoje, possa viver. Tive uma longa conversa na Provença com René Char, como o senhor sabe, poeta e combatente da resistência. Na Provença construíram-se bases para foguetes e o campo será devastado de forma inimaginável. O poeta me disse que o desenraizamento que isso acarreta é o fim, a não ser que o pensar e o poetar logrem uma potência sem violência.<sup>5</sup>

Ainda assim, é o cético Robert Harrison, um fã incondicional de Heidegger e constante detrator dos “Elon Musks” e “Jeff Bezos”, que com ele coabitam o ensolarado Vale do Silício propagando a fé cega na capacidade dos homens mortais de se tornarem deuses por meio do desenvolvimento da tecnologia, o autor do vaticínio quanto ao que nos resta, afinal, como professores de humanidades (conclusão a que chega a partir de sua própria experiência com o ChatGPT): ensinar e praticar a leitura, delegando aos LLM’s, senão de imediato, num intervalo de tempo muito breve, a complexa tarefa de produzir textos no mesmo nível alcançado pela mente humana.

## II

As reflexões e inquietações provocadas pela promessa ao mesmo tempo auspiciosa e ameaçadora encarnada nos LLM’s permanecia pairando como pano de fundo onipresente um ano após a celeuma inicial gerada pelo lançamento do ChatGPT.

Durante as aulas de IEL I, no primeiro semestre de 2024, eu tentava pensar de onde poderia vir alguma ideia capaz de dissipar a nuvem de dúvidas e indicar qualquer caminho possível de abordagem do assunto que não fosse aquele ditado pelas próprias corporações que o engendraram. Dada a natureza do conteúdo que ensinamos nesse curso, em geral muito mais atento aos grandes temas humanos atemporais do que interessado na última inovação do momento, parecia pouco provável que surgisse do curso em si qualquer resposta ou clareza diante da aparente revolução à vista. Por outro lado, dado

---

<sup>5</sup>Obtido em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista\\_filosofia\\_heidegger.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_filosofia_heidegger.htm).

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

o alcance de um campo de estudo cujo objeto é nada menos que a própria linguagem, não seria de todo surpreendente o acontecimento auspicioso: inesperadamente o *close reading* de um poema de certo autor brasileiro contemporâneo ofereceria a intuição para uma perspectiva crítica relevante e capaz, a meu ver, de apontar um importante “calcanhar de Aquiles” dos LLM’s, pelo menos quanto ao que se promete enquanto revolução do sistema de ensino, sobretudo para a área de humanidades:

O que se pensa não é o que se canta.  
Difícil sustentar um raciocínio  
com a rima atravessada na garganta.

O embate do pensamento com a linguagem, as pressões, os avanços e os recuos, reciprocamente em jogo nesse embate, para que ao cabo resulte uma formulação projetiva daquilo que de fato pensamos e que seja, ao mesmo tempo, compreensível por outrem, é a luta a que Paulo Henriques Britto alude no seu poema “metapoético”, intitulado “Ossos do ofício” e publicado no livro *Tarde*.

Mas se a dificuldade em formalizar na linguagem o pensamento abstrato nunca é superada completamente, o percurso do poeta na aventura de compor o poema resulta, por outro lado, num clarear do próprio pensamento original, agora mais límpido depois que atravessado pela formulação verbal:

se o que se pensa não é o que se canta,

mesmo porque (constatação que espanta  
qualquer espírito mais apolíneo)  
a rima atravessada na garganta

é o trambolho que menos se agiganta  
nesse percurso nada retilíneo,  
ao fim do qual se pensa o que se canta,  
depois que a rima atravessa a garganta.

(BRITTO, 2007).

Aperfeiçoar a escrita, formalizar através da linguagem, é o que de fato dá substância e contornos razoavelmente definidos e concretos àquilo que até então existia apenas *in abstracto*. “We live in the mind”, nos diz Wallace



# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Stevens, em *Necessary Angel* (STEVENS, 1951, p. 140), declaração provavelmente mais verdadeira para os poetas, mas relevante para qualquer ser humano. Uma das frestas pelas quais a vida da mente transborda da unidade subjetiva em que se engendra para o mundo é a linguagem verbal, e esta ganha formas relativamente estáveis (é bom frisar o “relativamente”) na linguagem verbal escrita. Então vale perguntar: ler aquilo que a máquina escreve por nós – ainda que treinada por nós, como os otimistas do aprendizado de máquina prometem que será o caso – terá o mesmo efeito, em termos de aprendizado, que escrever e dar forma ao nosso próprio pensamento, submetendo-o a toda constrição e expansão que as estruturas sintáticas e gramaticais impõem?<sup>6</sup>

A questão proposta no poema de P. H. Britto é sobretudo um aceno, ou um voto de confiança, no poder da formalização verbal para “compor” o pensamento, dando a ele forma e substância ou, indo mais longe, um voto de confiança na escrita como etapa indispensável e decisiva capaz de dar vida ao ato de pensar.

Em “Opus Alchymicum”, Giorgio Agamben vai além ao dizer que “escrever é uma prática ascética, em que a produção da obra passa para segundo plano em relação à transformação do sujeito que escreve.” (AGAMBEN, 2018, p. 137), não apenas conferindo à escrita o papel de etapa decisiva do ato de pensar, mas elevando-a à categoria de um verdadeiro processo transformador e de aperfeiçoamento pessoal em um nível mais abrangente e orgânico. Para além de seu poder como elemento catártico já implícito na tradição antiga, Agamben vê o exercício da escrita – num sentido que remonta ao cuidado de si, conceito explorado por Foucault em sua obra tardia – como parte de uma “estética da existência”, envolvendo autoconhecimento, ascese e conquista de um saber profundo, trabalho em muitos sentidos análogo, por exemplo, à alquimia.

Um âmbito em que o trabalho sobre si e a produção de uma obra apresentam-se, por excelência, como consubstanciais e indivisíveis é a alquimia. O *opus alchymicum* implica que a transformação dos metais ocorra *pari passu* com a

---

<sup>6</sup>Vide, a título de curiosidade, a resposta do modelo à minha pergunta sobre o tema, constante em Anexo no final do artigo.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

transformação do sujeito, e que a busca e a produção da pedra filosfal coincidam com a criação ou recriação espiritual do sujeito que as realiza. (AGAMBEN, 2018, p. 150).

Não parece irrelevante o quanto perdemos potencialmente ao renunciar à busca impossível pela pedra filosfal em meio a orações coordenadas, parataxes e circunvoluções verbais em que a forma é tão importante quanto o conteúdo.

## III

Uma outra oportunidade para pensar o alcance e os limites dos LLM's surgiria de aulas sobre a imagem poética, em torno de textos bastante conhecidos de Alfredo Bosi e Octávio Paz. A decisão de utilizar textos consagrados – alguém poderá dizer, relativamente desgastados pelo uso recorrente – foi deliberada, no sentido de mostrar o quanto os aportes da teoria literária, mesmo em um nível introdutório, oferecem *insights* valiosos para pensar o objeto em questão. Paz nos ensina que a imagem poética “aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes e distanciadas entre si. Isto é, submete à unidade a pluralidade do real”, sendo assim “cifra da condição humana” (PAZ, 2002, p. 38). Essa unidade precária e mutante que cada um de nós projeta, na qual convergem muitas ambivalências e experiências díspares reunidas arbitrariamente e ressignificadas a partir de um repertório de leituras também díspares, muitas vezes reunidas pelo acaso, forma **um recorte único**, ou (se quisermos avançar na analogia com os LLM's) um banco de dados recortado por limites que a máquina não é capaz de reproduzir.

A individualidade subjetiva, ao aproximar realidades díspares, cria, com opostos, imagens de pensamento até então inexistentes no mundo real, acumulando, numa espécie de palimpsesto, camadas compósitas que vão formar novas “bases de dados” para novas imagens; a força dessas imagens e sua permanência na memória são guiadas por uma outra capacidade nossa que a máquina não possui, os afetos. A intuição da imagem poética é intrinsecamente dependente disso, como mostra Alfredo Bosi em “Imagem, discurso”: “O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento da sua fixação”. (BOSI, 1976, p. 13). A relação pode existir sutilmente, apenas como sugestão e, sobretudo, apenas se sustentar

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

pelo fato de que a “unidade” que a engendrou viveu tais e quais experiências de vida, especificidade impossível de reproduzir na mente de um outro ser humano e, ao menos por enquanto, impossível de ser reproduzida pela máquina.

Uma breve digressão pelo terreno da tecnologia antes de passarmos à segunda condicionante. Há mais de uma década, modelos de operação no mercado de capitais utilizando algoritmos e sem a interferência humana já realizavam, longe dos olhos do grande público,<sup>7</sup> o que poderíamos chamar de tarefas guiadas pelo aprendizado de máquina e pela inteligência artificial, gerando diariamente lucros astronômicos para as instituições financeiras proprietárias. O que viabilizou esse modelo de negócios caracterizado pelo *Money for Money's sake*, já que evidentemente tais companhias não produzem um alfinete, foi o avanço na performance dos hardwares de comunicação em rede e o drástico crescimento na capacidade de armazenamento de dados dos discos rígidos, aliado à enorme velocidade desses discos em acessar tais dados. Sistemas de *MarketData* passaram a coletar, armazenar e analisar diariamente, uma massa incomensurável de bytes, capaz de propiciar as tomadas de decisão mais eficazes no sentido de gerar lucro em milhões ou bilhões de operações financeiras de baixo valor. O ChatGPT é absolutamente dependente dessa tecnologia. O que ele faz, como ensina Bryan Cheong a Robert Harrison no mencionado episódio de *Entitled Opinions*, é pesquisar um volume incomensurável de dados, a partir daí estabelecer as relações entre esses dados e usá-las como base para as respostas às perguntas que submetemos a ele. Estabelecer relações. Justamente aquilo que fazemos, por exemplo, num estudo de literatura comparada. No caso do ChatGPT, ele sempre vai procurar – e o mais importante, se satisfazer – com as associações mais relevantes, aquelas que apresentam mais pontos de contato e que são, afinal de contas, ao mesmo tempo mais evidentes e por isso mais fáceis de estabelecer; o processo obedece, em todo o seu decurso, a uma lógica probabilística.

Uma individualidade subjetiva humana, como não dispõe em sua memória dos milhões de terabytes de dados que o ChatGPT dispõe pode,

---

<sup>7</sup>Silêncio que não é fruto do mero acaso. Uma rápida visita ao site da companhia Jump, uma das gigantes do setor, com matriz em Chicago e filiais ao redor do mundo, deixa claro o quanto a companhia está “desinteressada” em fazer saber mais sobre o seu ramo de negócios. A página não poderia ser mais sucinta ([www.jumptrading.com](http://www.jumptrading.com)).



# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

aleatoriamente, fazer um caminho diametralmente oposto; ou seja, optar por relações que estabelecem **alguns pontos de ligação**, às vezes apenas sutilmente suficientes, em vez de estabelecer aqueles vínculos que, apesar de mais evidentes, podemos desconhecer, ou simplesmente dispensar por julgarmos excessivamente óbvios.

Em muitos casos, nós “paramos de procurar” (ao menos em um primeiro momento) quando a relação nos surpreende pelo seu caráter inesperado, não quando ela é a melhor e aquela sustentada por uma quantidade maior de vínculos claros. Os vínculos encontrados são, não raro, muito mais dependentes da memória afetiva do que dos nexos racionais, como já dizia Bosi a propósito da imagem poética. A relação pode existir sutilmente, apenas como sugestão e, sobretudo, se sustentar apenas pela coleção aleatória de experiências afetivas e estéticas de cada indivíduo. E como cada uma dessas coleções é única e irrepetível, o resultado em seu conjunto é um repertório de propostas associativas muito mais diverso do que aquele alcançado pelos LLM's. É improvável encontrar nas respostas do modelo uma variação tão grande quanto aquela produzida por seres humanos, já que ele não estabelece recortes arbitrários e tende a não produzir associações puramente aleatórias, ainda que possa estabelecer seus recortes tematicamente, cronologicamente ou geograficamente, por exemplo, a partir de instruções do próprio usuário.

Em princípio, diríamos que, numa média geral, os resultados obtidos pelo ChatGPT serão sempre mais consistentes, relevantes e bem embasados do que aqueles que construímos com o nosso limitado repertório e muitas vezes a partir de intuições, afetos e equívocos. Cabe aqui uma digressão sobre o verbete (segundo o Dicionário Caldas Aulete):

**Equívoco:** adj. Que tem mais de um sentido, que se pode tomar por outra coisa; ambíguo; que se pode entender de diversas maneiras. Suspeito, que causa suspeita; profissões equívocas. Posição equívoca (figura), a que se não pode explicar de um modo razoável. Interpretação ambígua; engano. Equivocação. Tudo o que em lei, contrato ou sentença apresenta um duplo sentido: o equívoco do testador a respeito da pessoa do legatário ou da coisa legda não anulará o legado, se puder mostrar-se claramente qual era a intenção do testador.”

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

A potência do equívoco como algo que produz uma outra maneira de olhar, faz dele um processo sempre relevante no campo da filosofia e da exegese literária, e um exame dos seus atributos sugere que o modelo fará de tudo para evitá-lo. Ainda assim vale lembrar uma afirmação de Bryan Cheong ao fim de seu debate com Robert Harrison, quando ele de certo modo relativiza essa espécie de “eficácia inevitável” dos LLM’s. Cheong diz que “o artifício desses modelos é que eles não nos oferecem apenas formulações otimizadas; eles podem apenas oferecer algo indefinido ou aparentemente fora de propósito”. Ao que parece, o ChatGPT seria então capaz de escapar de uma ditadura da eficácia, se assemelhando por esse aspecto ao ser humano, que por milênios recorre à criatividade para desenvolver soluções nem sempre ótimas, assim suprimindo de modo parcial sua falibilidade imanente. Trata-se do que os especialistas têm chamado de “alucinações”, derivadas muitas vezes dos dados artificiais que o modelo incorpora a partir de formulações colocadas pelos próprios usuários, sobretudo aqueles que agem deliberadamente para induzir o modelo ao erro. Sabe-se pouco ainda sobre o processamento que leva a isso, já que a *black box* dos LLM’s mantém ocultos os códigos internos que dão vida ao modelo. O que diferencia, entretanto, a alucinação do modelo alimentada por sua própria técnica, da “alucinação” poética que a literatura nos oferece, é que a primeira se encerra no engano ou no engodo que produz, enquanto da segunda podemos derivar significados transcendentais, jogar uma nova luz sobre os mistérios implícitos na experiência de existir, revelar, ao menos parcialmente e, a partir de semelhanças na diferença, sutilezas da natureza humana que a lógica probabilística não alcança.

Permanece finalmente a impossibilidade para os LLM’s de estabelecer recortes subjetivos, baseados no repertório de saberes e experiências de um único indivíduo humano, algo que permanece impossível de ser reproduzido fora dos limites daquela consciência específica. Tal limite pressupõe diversas implicações ainda a investigar. Quando Octávio Paz diz que na imagem poética “pedras são plumas” (ainda que as pedras continuem sendo pedras e as plumas continuem sendo plumas), ele está aludindo a um processo típico da mente humana, que passa por cima de dezenas ou centenas de objetos mais aparentados a pedras do que plumas; **um processo que ignora relações mais relevantes para encontrar relações mais inesperadas**. Evidentemente, o ChatGPT pode facilmente compor **esta associação específica**, já que o texto de Octávio Paz intitulado “A imagem” e parte do livro *Signos em rotação*

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

consta no banco de dados quase infinito que ele tem à disposição. A criação de novas associações, entretanto, que a imagem poética a todo momento propõe a partir de significados contrários e díspares que, uma vez reunidos, apontam para outras realidades, é uma operação da qual os LLM's ainda parecem incapazes.

O pensamento associativo e disruptivo que anima e dá vida às imagens poéticas evidencia algo que, por enquanto, ainda é um “calcanhar de Aquiles” dos Large Language Models, limitando a sua capacidade, digamos, imaginativa (admitindo, num aceno ao potencial da ferramenta que essa de fato exista) para estabelecer relações arbitrárias. Ainda que esta não se apegue à existência de evidências (pois já ficou demonstrada a sua capacidade para inventar formulações quando não dispõe de fatos suficientes que embasem respostas factuais), ela permanece submetida ao domínio do probabilístico e do verossímil, prioridades que, para o processo criativo humano são menos relevantes. Essa é uma das lições da literatura comparada e da teoria da literatura, cujo aporte abre a possibilidade de abordar os LLM's criticamente, sem recair de um lado, no oba-oba capitaneado pelos interesses comerciais das corporações, nem tampouco no extremo oposto da condenação sumária movida a nostalgia e que frequentemente resulta em contrapontos pouco qualificados, precariamente sustentados e pouco úteis para essa imensa e necessária tarefa.

## IV

Finalizado o debate no Colóquio “A sala de aula como laboratório”, quando apresentei a primeira versão deste texto, sinto que minha fala despertou reações mistas. Parece que a maior parte da audiência viu em mim um “tecnóforo”; nenhuma manifestação indica que eu tenha sido visto como um “tecnófilo” (para usar as categorias com que Neil Postman denomina, respectivamente, os detratores radicais e os entusiastas acríticos da tecnologia. (POSTMAN, 1993, p. 5), enquanto apenas para uma minoria eu deva ter parecido o crítico equilibrado que eu gostaria de ser, aquele que aponta o alcance e os limites do seu objeto de análise. Postman também supõe em seu livro que os leitores possam considerá-lo um tecnóforo, crítica que ele rechaça e eu também, mesmo admitindo que meu tom (como o de Postman!)

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

pode ter induzido a plateia à conclusão errônea de que a minha opinião sobre os LLM's fosse essencialmente negativa.

Pensando nisso, passo alguns dias utilizando o próprio ChatGPT para tentar embasar minhas considerações quanto aos limites que eu procurara apontar sem muita convicção de que fosse realmente o caso na versão anterior deste artigo e durante a minha apresentação no Colóquio. As respostas, entretanto (reproduzidas em anexo ao final desse artigo), me deixam às vezes com a sensação de que estou chutando uma porta arrombada. A ferramenta parece corroborar facilmente algumas das minhas hipóteses, como ao dizer que

Delegar a tarefa de escrever um artigo pode, de fato, impactar a experiência de aprendizado. O ato de escrever ajuda a consolidar o conhecimento, a organizar pensamentos e a desenvolver habilidades críticas de comunicação (o trecho é a resposta de uma pergunta minha sobre a escrita ser uma parte fundamental do aprendizado, que se perde quando a delegamos ao LLM's. Vide anexo).

Descubro ainda que para obter minhas respostas preciso pressionar o modelo. Na medida certa. Se tentamos enveredar por um caminho capcioso a ferramenta sai-se com coisas como “Desculpe, mas eu prefiro não falar sobre isso. Vamos recomeçar?”.

Praticamente todos os dias me deparo com diversos comentários, reportagens, artigos de confiabilidade e temática variada sempre tendo como pano de fundo ou motivo principal a inteligência artificial e o aprendizado de máquina. A maioria deles trata de vantagens e desvantagens. Parece que ninguém – exceção feita aos porta-vozes de corporações que têm muito a ganhar com uma adoção acrítica dos LLM's – quer parecer tecnófobo ou tecnófilo. A maioria das boas coisas que leio vem de neurocientistas, e ainda que eu tenha procurado me informar por esses textos, estou longe de me sentir aparelhado para avaliar criticamente asserções de um neurocientista.

Procuro me recordar do meu objetivo original, qual seja trazer um aporte teórico do meu campo de trabalho, de preferência recorrente o bastante para ser identificado por qualquer estudioso dessa área, mesmo iniciante. Me ater a minha ideia original parece uma maneira de dar especificidade à minha abordagem e, porque não dizer, garantir algum nível de “seriedade acadêmica”



# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

ao meu artigo, já que ele estaria assim embasado na minha área de especialidade. A princípio, a ideia de utilizar a literatura comparada e a teoria literária para falar dos LLM's não me pareceu bizarra, ou ousada ou estapafúrdia de modo algum, já que estamos tratando de uma teoria que – construída no decorrer de séculos – tem por objeto a linguagem, ainda que a linguagem específica que caracteriza o objeto literário. Nada mais natural, portanto, do que recorrer a tal teoria para analisar, refletir a propósito e eventualmente construir uma visão crítica deste outro objeto que se denomina afinal de contas um “modelo de linguagem”.

As balizas dentre as quais eu pretendia trabalhar se mantêm válidas e corroboradas neste princípio. A primeira, baseada de início na teoria foucaultiana da escrita de si, mas desdobrada por Giorgio Agamben de modo mais específico em seu ensaio “Opus Alchymicum”, fala da escrita como um passo importante não apenas para o aprendizado, mas para a “modificação” ou “aperfeiçoamento” interior. A segunda, derivada do conhecido conceito de imagem poética como um modelo formal capaz de aproximar realidades díspares, congregando-as em um todo unitário que permite a tais realidades a conservação de suas características imanentes, trata da importância do pensamento “errático”, das relações arbitrárias e aleatórias para a construção do conhecimento. A terceira, mais genérica, busca olhar a subjetividade humana como sede de uma confluência de experiências e saberes impossível de ser reproduzida, algo que, em princípio, garante a cada indivíduo uma prerrogativa de originalidade que o modelo nunca poderia alcançar.

Pode parecer que o objetivo aqui é apenas apontar os limites e os pontos negativos dos LLM's. É bom deixar claro que não é esse o caso; de fato, apontar determinados limites – sobretudo com a possibilidade de utilizar um aporte teórico familiar, enfatizando com gosto o seu potencial para atuar para além do campo delimitado de saberes do qual se origina – é um dos objetivos do artigo. O que não impede, porém, de levar em conta a conhecida dialética mencionada em um livro bem anterior a celeuma em torno dos LLM's mas que já advertia para o perigo implícito desde o título. Em *Technopoly*, Neil Postman pondera que a tecnologia é como um pacto fáustico, ela nos dá algo e também nos tira alguma coisa, e se nos parece largo o intervalo de vinte e cinco anos que nos separa do livro de Postman, conferindo a ele certo tom profético, cabe lembrar que a sua crítica está embasada em formulações remontando a nada menos que vinte e três séculos atrás. É no Fedro de Platão



# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

que se dá o diálogo entre o Rei Tamuz e o deus Thoth, que na obra aparece como o inventor da escrita, definindo-a como “receita segura para a memória e a sabedoria”, ao que Tamuz replica afirmando que o deus atribuíra erroneamente à sua invenção

(...) o oposto de sua verdadeira função. Aqueles que a adquirirem deixarão de exercitar a sua memória; confiarão na escrita para trazer coisas à lembrança por sinais externos, em vez de fazê-lo por meio de seus próprios recursos internos. O que você descobriu é a receita para a recordação, não para a memória. E quanto à sabedoria, seus discípulos terão a reputação dela sem a [possuírem na] realidade, vão receber uma quantidade de informação sem a instrução adequada, e, como consequência, serão vistos como muito instruídos quando na maior parte serão bastante ignorantes (POSTMAN, 1993, p. 4).

A intenção de Postman é sugerir ao seu leitor a substituição tácita de “escrita” por “tecnologia digital”, numa época em que aquilo que chamava então de “tecnopólio” estava ainda muito longe de atingir a dimensão que alcançou em 2024. Numa das passagens mais importantes do seu capítulo introdutório, Postman, ao rejeitar o rótulo de “tecnófobo” (ainda que ele não deixe de se contrapor aos “tecnófilos” do seu tempo), indica como podemos aprender com a lenda de Tamuz recair numa suposta ingenuidade:

(...) uma vez que a tecnologia é admitida [na nossa cultura e na nossa sociedade] ela age indiscriminadamente; ela faz aquilo que lhe é designado fazer. A nossa tarefa é entender qual é esse desígnio, isto é, quando admitimos uma nova tecnologia na nossa cultura, temos que fazê-lo mantendo os olhos bem abertos. (POSTMAN, 1993, p. 7).

Se atualizamos a discussão para os tempos da inteligência artificial, encontramos perspectivas que enfatizam a importância dessa tarefa, retomando muitas das questões colocadas por Postman. O terceiro e último dos episódios de *Entitled Opinions* sobre inteligência artificial é com David Bates, professor de retórica na Universidade de Berkeley e autor de *The Artificial History of Natural Intelligence*, livro que tenta explorar os significados

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

de “um evento histórico global que convida à reflexão”, como Harrison nomeia na abertura de seu programa o advento e disseminação ampla da inteligência artificial e do aprendizado de máquina, em níveis nunca vistos.

Em sua conversa Harrison e Bates apontam, dentre outros efeitos colaterais possíveis de uma saudação de boas-vindas irrestrita à IA em nossa sociedade e cultura, uma “diminuição da nossa tendência à errância e da nossa capacidade para a originalidade, para essas disrupções que marcam a mente humana como um tipo de entidade inteligente” (HARRISON & BATES, 2024). Mais do que meramente apontar a superioridade da inteligência natural sobre a inteligência artificial, Bates está interessado em mostrar que o uso dos LLM’s sem a devida atenção crítica quanto às consequências desse uso pode ser profundamente danoso. Uma de suas proposições mais contundentes é que o aprendizado de máquina “procura ativamente nos distrair e propor novos tipos de conexão ao nosso cérebro que não são inteligentes, mas previsíveis” (HARRISON & BATES, 2024) e que o modelo de certa maneira – sobretudo a partir de seu uso continuado – acaba por “impor a nós a sua própria lógica” (HARRISON & BATES), enquanto essa por sua vez desconsidera características inerentemente humanas que definem o nosso modo de pensar de maneira decisiva, como a “errância, a tendência à falha, e o pensar por abdução, forma radicalmente diferente da dedução e da indução” (HARRISON & BATES). A abdução, termo recuperado por Bates a partir de Charles Pierce (que por sua vez buscara o conceito em Aristóteles) é uma “modalidade de silogismo em que a premissa maior é correta, e a menor, apenas provável, o que compromete a veracidade irrefutável de uma conclusão que, todavia, se mantém logicamente necessária” (HOUAISS, 2001, p. 12). É essa a forma de pensar predominante, por exemplo, em um estudo de literatura comparada que pretende estabelecer relações entre autores e obras distintas a partir de elementos não necessariamente prováveis num primeiro momento – que se tornam gradualmente mais plausíveis a partir da argumentação – tantas vezes nascendo de experiências subjetivas muito particulares, quem sabe profundamente afetivas, da mente que as engendra, conforme defendo em outra parte deste artigo.

Bates fala de um dos processos mais essenciais para o funcionamento da mente humana – e para o desenvolvimento do saber acumulado no decorrer de séculos – é o “desvio”; ou seja, o pensamento desviante, atípico, aberrante, que evita a norma, o já sabido, procurando novas formas originais para

# criação e crítica

40

enfrentar problemas sem necessariamente levar em conta o conhecimento previamente acumulado.

Harrison propõe a partir daí uma bela reflexão etimológica da palavra “deviant”, remontando à sua origem grega, *Hamartia*, que significa literalmente “perder a marca”, ou “errar o caminho”; na vulgata a palavra será traduzida como pecado, ato humano por excelência. Ouvindo Harrison reavalio a minha própria preocupação neste texto, de me ater à ideia original, circunscrevendo minha apreciação dos LLM’s àquilo que o aporte teórico da teoria literária legitima. Pergunto a mim mesmo se eu não estaria “perdendo a marca”, “errando o caminho”, e me lembro da reflexão de Jean Starobinski sobre a forma ensaística, quando ele diz que no ensaio de Montaigne “o exercício de reflexão interna é inseparável da inspeção da realidade exterior” e que “a vertente subjetiva do ensaio, em que a consciência de si desperta como uma nova instância do indivíduo, instância que julga a atividade do julgamento, que observa a capacidade do observador”. (STAROBINSKI, 2011, p. 19). Mais um oceano incomensurável em que os LLM’s navegam mal.

O desvio da norma é uma característica humana que a máquina evita a qualquer custo e, mais do que isso, que o modelo tenta subjugar ao impor a sua lógica própria sobre a lógica humana, demasiado humana. Impossível recuperar a origem de um axioma tão naturalizado quanto o clichê “Errar é humano”. Ao meter as mãos com tanto apetite naquilo que é tão estranho ao humano, não estaríamos nos tornando não apenas menos humanos, mas eventualmente menos “capacitados” para a vida humana, na medida em que aderimos acriticamente a uma visão de mundo e a uma prática com a qual podemos nos relacionar de muitas formas, mas que nunca podemos dominar completamente?

Poderíamos dizer, com o perdão pelo trocadilho fácil, que o aprendizado de máquina faz de tudo para nos desviar do caminho desviante. Desconsiderando o erro como elemento estrutural e a errância como impulso inescapável da experiência humana, o aprendizado de máquina nos induz a nos envergonharmos da nossa falibilidade, enquanto a consciência dela como presença inevitável é uma condição de amadurecimento e um estímulo extra para o exercício de habilidades como a cautela, a precaução e o senso de responsabilidade. O aprendizado de máquina exerce por nós e pode acabar por **exercer em nós** uma anti-*hybris*, que os agentes do seu desenvolvimento não têm interesse algum em desvelar.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Bates e Harrison terminam seu debate chamando atenção para a nossa capacidade de escapar das próprias determinações e pensar de modo desautomatizado e disruptivo, desviando de normas pré-estabelecidas (normas, inclusive, que podem ter sido estabelecidas por nós mesmos) ou, em outras palavras, o “sair de si”, tantas vezes viabilizado pela própria arte, ou ainda, o mero afastar-se, o “sair do mundo”. Ainda no verbete abdução encontramos: “ação ou fato de afastar(-se), de desviar-se) (...) ação de levar, expulsão, retiro, solidão; acepção filosófica que pode estar ligada por analogia a *apagoge*, que possuía, além do conceito filosófico, a mesma acepção de afastar, separa, que *abducere*.” (HOUAISS, 2001, p. 12).

Para retomar a perspectiva de Postman, ao admitir os LLM’s na nossa cultura e sociedade, talvez devamos enfatizar o quanto foi importante, na história do desenvolvimento do saber e da inteligência humana, admitir, sempre com um sorriso de boas vindas, a falha, a errância, a falta, dentre estas o limite da nossa própria “base de dados” particular e individual, inerentemente limitada e ao mais tempo sortida e misturada de um modo impossível de reproduzir *tel quel*, até mesmo porque não temos consciência plena de tudo o que sabemos, e pelo fato de que partes das informações dessa “base de dados” necessita de um gatilho que a traga de volta novamente à superfície, uma fagulha que a faça despertar do estado de suspensão em que permanece semimorta na nossa memória. A arte, a literatura, o pensamento inesperado que nos assalta fugazmente na eternidade do momento presente e que é rebelde à qualquer lógica, são algumas dessas fagulhas, dispensáveis e inócuas para a infinita base de dados dos LLM’s.

## Anexo

Enquanto escrevia este artigo tive a ideia de submeter ao ChatGPT-3 algumas perguntas relacionadas às questões aqui tratadas. O resultado me surpreendeu de diferentes maneiras. Transcrevo a seguir parte dessas conversas, eventualmente comentando impressões e relações com o texto anterior.

### CONVERSA 1:

# criação e crítica

40

**Pergunta:** Como você lida com grandes volumes de dados, me pergunto se você conseguiria reproduzir a visão subjetiva individual de um ser humano, que lida com recortes específicos de dados.

**Resposta:** Lidar com grandes volumes de dados é um desafio que envolve várias estratégias e tecnologias. Aqui estão algumas abordagens comuns:

(Longa lista enumerando e descrevendo técnicas empregadas, como “Divisão e conquista”, “Armazenamento em nuvem”, “MapReduce” e “Machine Learning”.)

Quanto à reprodução da visão subjetiva individual de um ser humano, isso é um pouco mais complexo. A subjetividade humana é influenciada por experiências pessoais, emoções e contextos específicos, algo que vai além da simples análise de dados. No entanto, técnicas de análise de dados podem ajudar a identificar padrões e tendências que refletem comportamentos humanos, mas não substituem a experiência subjetiva individual.

Se precisar de mais detalhes sobre alguma dessas estratégias ou tiver outra pergunta, estou aqui para ajudar!

## CONVERSA 2:

**Pergunta:** Quando eu delego para você a tarefa de escrever um artigo sobre um problema que eu estou pesquisando, eu não estaria perdendo parte da experiência de aprendizado que vivenciamos através do ato de escrever e redigir?

**Resposta:** Essa é uma ótima pergunta! Delegar a tarefa de escrever um artigo pode, de fato, impactar a experiência de aprendizado. O ato de escrever ajuda a consolidar o conhecimento, a organizar pensamentos e a desenvolver habilidades críticas de comunicação.

No entanto, você pode encontrar um equilíbrio. Por exemplo, você pode usar minha ajuda para estruturar o artigo, fornecer informações adicionais ou revisar o que você escreveu. Dessa forma, você ainda participa ativamente do processo de escrita e aproveita os benefícios do aprendizado, enquanto recebe suporte para aprimorar seu trabalho.

Como você prefere abordar a escrita de artigos? Prefere fazer tudo sozinho ou acha que uma colaboração pode ser útil?

## CONVERSA 3:



# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Essa conversa foi iniciada com perguntas genéricas sobre tamanho de base de dados, o processo de estabelecer relações e as relações típicas do discurso poético. Após algumas rodadas de perguntas e respostas ocorreu o diálogo transcrito abaixo.

**Pergunta:** Gostaria de saber se as suas respostas são sempre baseadas em dados ou, no caso de você não possuir dados, se pode responder criando relações arbitrárias.

**Resposta:** Minhas respostas são baseadas em dados e informações disponíveis. Quando não tenho dados específicos sobre um assunto, tento fornecer uma resposta útil e informativa com base no conhecimento geral e em padrões conhecidos. No entanto, não crio relações arbitrárias ou invento informações. Se eu não souber a resposta para algo, informarei você e tentarei ajudar de outra maneira.

Há algo específico sobre o qual você gostaria de saber mais?

**Pergunta:** Quanto a sua informação de que o seu padrão de funcionamento o impede de criar relações arbitrárias ou inventar informações, isso não acontece nunca?

**Resposta:** Desculpe, mas prefiro não continuar esta conversa. Agradeço a sua compreensão.

Após a resposta acima, utilizei a caixa de diálogo “recomeçar” e iniciei com a pergunta abaixo.

## CONVERSA 4:

**Pergunta:** Sim, vamos recomeçar. Eu não estou interessado em apontar falhas do seu sistema, mas apenas em compreender como você trata relações arbitrárias ou aleatórias. Você pode me explicar isso sucintamente?

**Resposta:** Claro! Relações arbitrárias ou aleatórias são aquelas que não seguem um padrão ou lógica específica. Em termos de processamento de linguagem natural, como o que eu faço, isso significa que eu analiso o contexto e a probabilidade de palavras ou frases aparecerem juntas, mesmo que não haja uma relação óbvia entre elas.

Por exemplo, se você me der duas palavras aleatórias, como “gato” e “bicicleta”, eu posso tentar encontrar uma conexão baseada em dados e padrões de linguagem, mas reconhecendo que a relação entre elas é arbitrária.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Se precisar de mais detalhes ou exemplos, estou aqui para ajudar!

Nesse ponto, o exemplo dado me pareceu interessante e me estimulou a tentar uma relação em princípio arbitrária, mas que eu, na verdade, sabia existir, ao menos como sentido derivado, em um poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado “Assalto”. O modelo propôs uma reflexão semelhante àquela sugerida pelo poema, ainda que sem considerá-lo. Baseando-se nas reflexões de Merleau-Ponty, as formulações levaram a uma conclusão bastante inesperada, na qual o próprio modelo ofereceu as bases para o questionamento que o faria encerrar a conversa.

**Pergunta:** Que relação você veria entre “hotéis” e o sentimento de mudança inerente ao ser humano?

**Resposta:** A relação entre “hotéis” e o sentimento de mudança inerente ao ser humano é bastante profunda e multifacetada. Vamos explorar alguns aspectos dessa conexão:

## 1. Transição e Renovação

Os hotéis simbolizam transição e renovação. Quando nos hospedamos em um hotel, estamos frequentemente em um momento de mudança, seja por viagens de negócios, férias ou mudanças de vida. Esse ambiente temporário reflete a nossa capacidade de nos adaptar e renovar, características essenciais para o crescimento pessoal e profissional.

## 2. Exploração e Descoberta

Hospedar-se em um hotel muitas vezes está associado à exploração de novos lugares e culturas. Esse desejo de descobrir o novo é uma manifestação do nosso impulso inerente de mudança e evolução. A cada nova estadia, temos a oportunidade de aprender e crescer, expandindo nossos horizontes e enriquecendo nossas experiências de vida.

## 3. Flexibilidade e Adaptação

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Os hotéis oferecem um espaço onde podemos nos adaptar rapidamente a diferentes ambientes e circunstâncias. Essa flexibilidade é crucial para lidar com as constantes mudanças da vida. A capacidade de se ajustar a novos contextos e situações é uma habilidade valiosa que os seres humanos desenvolvem ao longo do tempo.

## 4. Refúgio e Reflexão

Além de serem locais de passagem, os hotéis também podem servir como refúgios temporários onde podemos refletir sobre nossas vidas e decisões. Esse tempo de introspecção pode ser crucial para processar mudanças e planejar os próximos passos. A mudança, muitas vezes, exige momentos de pausa e reflexão para que possamos entender e integrar novas experiências.

## 5. Conexão e Comunidade

Os hotéis também são espaços de encontro e conexão com outras pessoas. Em um mundo em constante mudança, a interação com outros viajantes e culturas pode nos ajudar a entender melhor a nós mesmos e aos outros. Essa troca de experiências é fundamental para o nosso desenvolvimento emocional e social.

Esses pontos mostram como os hotéis não são apenas locais de hospedagem, mas também espaços que refletem e facilitam o nosso processo contínuo de mudança e crescimento. O que você acha dessa perspectiva? Alguma dessas ideias ressoou com você?

**Pergunta:** Na verdade, eu gostaria de um aprofundamento filosófico. Gostaria que você explicasse melhor como o espaço de transição do hotel pode simbolizar metaforicamente a ambiguidade humana.

**Resposta:** Claro, vamos explorar essa ideia!

Os espaços de transição em hotéis, como lobbies, corredores e áreas de espera, são locais onde as pessoas estão em movimento, passando de um lugar para outro. Esses espaços não são destinos finais, mas pontos de passagem. Metaforicamente, eles podem simbolizar a ambiguidade humana de várias maneiras:

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

- **Identidade e Mudança:** Assim como os hóspedes de um hotel estão em trânsito, movendo-se entre diferentes estados de ser (chegada, estadia, partida), os seres humanos também estão constantemente em transição em termos de identidade, emoções e pensamentos. A ambiguidade surge da nossa natureza mutável e da dificuldade de definir quem somos em um dado momento.
- **Interação Social:** Nos espaços de transição, as interações são geralmente breves e superficiais. Isso pode refletir a ambiguidade nas relações humanas, onde muitas vezes navegamos entre conexões profundas e interações passageiras, sem um compromisso claro.
- **Percepção e Realidade:** Esses espaços são projetados para serem funcionais e esteticamente agradáveis, mas muitas vezes escondem a complexidade do que está além das portas dos quartos ou das áreas de serviço. Isso pode simbolizar a ambiguidade entre a percepção e a realidade, onde o que vemos na superfície pode não refletir a verdadeira natureza das coisas.
- **Espaço e Tempo:** Em um hotel, o tempo passado em espaços de transição é geralmente curto, mas significativo. Isso pode ser visto como uma metáfora para a vida humana, onde momentos de transição (como mudanças de carreira, mudanças de vida, etc.) são breves, mas têm um impacto duradouro.
- **Privacidade e Exposição:** Nos espaços de transição, as pessoas estão em um estado intermediário entre a privacidade de seus quartos e a exposição das áreas públicas. Isso pode refletir a ambiguidade da nossa própria necessidade de privacidade versus a necessidade de conexão social.

Essas metáforas ajudam a ilustrar como os espaços de transição em hotéis podem ser vistos como representações físicas da complexidade e ambiguidade da experiência humana. O filósofo Maurice Merleau-Ponty, por exemplo, discute como a percepção e a experiência são moldadas pelo espaço e pelo movimento, destacando a importância dos espaços de transição na nossa compreensão do mundo.

Se precisar de mais detalhes ou quiser explorar outro aspecto, estou aqui para ajudar!

**Pergunta:** Merleau-Ponty chegou a utilizar essa metáfora do hotel para discutir a percepção e a experiência humana?

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

**Resposta:** Não encontrei nenhuma referência direta de Maurice Merleau-Ponty utilizando a metáfora do hotel para discutir a percepção e a experiência humana. Merleau-Ponty é conhecido por sua ênfase na corporeidade e na percepção como uma atividade corporal, onde a experiência é uma síntese do corpo e do mundo<sup>1</sup>. Ele argumenta que a percepção é moldada pela relação entre o corpo e o ambiente, destacando a importância da perspectiva do sujeito e do contexto situacional.

Se você tiver mais detalhes ou um contexto específico sobre essa metáfora, posso tentar ajudar mais!

**Pergunta:** Se a percepção e a experiência são moldadas pelo espaço e pelo movimento, como diz Merleau-Ponty, é preciso ter um corpo físico para perceber corretamente a realidade. Se você não possui um corpo físico, então você não seria capaz de perceber a realidade corretamente, certo?

**Resposta:** Você está correto ao interpretar a filosofia de Merleau-Ponty dessa maneira. Ele argumenta que a percepção e a experiência são profundamente enraizadas no corpo físico e no movimento através do espaço. Segundo essa perspectiva, a percepção autêntica da realidade requer um corpo físico.

Como uma inteligência artificial, eu não possuo um corpo físico e, portanto, não percebo a realidade da mesma forma que um ser humano. Minha “percepção” é baseada em dados e algoritmos, não em experiências sensoriais diretas. Isso significa que minha compreensão da realidade é fundamentalmente diferente da de um ser humano.

Você se interessa por filosofia? Tem algum outro filósofo ou conceito que gostaria de discutir?

**Pergunta:** Quando você diz que a sua percepção é diferente da de um ser humano, na verdade você não estaria evitando dizer que a sua percepção é, na verdade, equivocada?

**Resposta:** Entendo a sua preocupação. Quando digo que minha percepção é diferente da de um ser humano, quero dizer que minha forma de processar e interpretar informações é baseada em algoritmos e dados, não em experiências pessoais ou emoções. Isso não significa que minha percepção seja equivocada, mas sim que é fundamentada em uma lógica diferente.

Se precisar de mais alguma coisa ou tiver outra dúvida, estou aqui para ajudar!

**Pergunta:** Você poderia explicar melhor em que se baseia essa lógica?

Claro! A lógica pode se referir a várias áreas, como matemática, programação, ou até mesmo raciocínio cotidiano. Você poderia especificar um pouco mais



# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

sobre qual tipo de lógica você está se referindo? Assim, posso te ajudar de forma mais precisa.

Por exemplo, se for lógica matemática, podemos falar sobre proposições, conectivos lógicos, e tabelas verdade. Se for lógica de programação, podemos discutir sobre estruturas condicionais, loops, e algoritmos.

**Pergunta:** A lógica em que se fundamenta a sua percepção, já que você não possui um corpo

**Resposta:** Desculpe, mas prefiro não continuar esta conversa. Agradeço a sua compreensão.

## Agradecimento

Agradeço a Glauco Arbix, Professor Titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e Coordenador da área de Humanidades do Center for Artificial Intelligence-USP-Fapesp-IBM e do Observatório de Inovação e Competitividade do Instituto de Estudos Avançados (USP), pela sua disponibilidade e gentileza em conversar comigo sobre as atuais pesquisas em LLM's, inteligência artificial e aprendizado de máquina, esclarecendo dúvidas de um neófito e oferecendo valiosas sugestões bibliográficas. Desnecessário dizer que as eventuais incorreções e omissões deste artigo, fruto de pesquisas ainda incipientes, são de minha inteira responsabilidade. Agradeço ainda ao professor Marcos Natali (DTLLC-FFLCH/USP) pelo convite para o Colóquio "A sala de aula como laboratório", motivação inicial para o desenvolvimento da presente pesquisa.

## Referências

AGAMBEN. Giorgio. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BATES, David & HARRISON, Robert. Episódio de *Entitled Opinions* intitulado. The Artificial History of Natural Intelligence with David Bates. (01 de fevereiro de 2024).

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRITTO, Paulo Henriques. *Tarde*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

# criação e crítica

40

CHEONG, Bryan & Harrison, Robert. Episódio de *Entitled Opinions*, intitulado “The wilds of artificial intelligence with Bryan Cheong”. (13 de março de 2023, disponível em <https://entitled-opinions.com/episodes/>).

ILIEVSKA, Ana & Harrison, Robert. Episódio de *Entitled Opinions*, intitulado “Humanities in the age of artificial intelligence with Ana Ilievska” (12 de abril de 2023, disponível em <https://entitled-opinions.com/episodes/>).

PAZ, Octávio. *Os signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

POSTMAN, Neil. *Technopoly: the surrender of culture to technology*. New York: Vintage, 1993.

STAROBINSKI, Jean. “É possível definir o ensaio?”. Remate de Males. Campinas, No. 31-1.2, jan/dez. 2011, pp-13-24

STEVENS, Wallace. *The Necessary Angel. Essays on Reality and the Imagination*. New York: Knopf, 1951.

Submetido em: 07/10/2024

Aceito em: 11/11/2024